

# Entrevista: Aroldo Rodrigues

Renato Sampaio Lima <sup>1</sup> , & Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha <sup>2</sup> 

*Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil <sup>a</sup>; Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, Brasil <sup>b</sup>.*

---

## RESUMO

Aroldo Rodrigues ofereceu relevantes contribuições em Psicologia Social, sobretudo, em seu país de origem – Brasil, fomentando importantes reflexões para a Psicologia Social latino-americana. Nascido em 1933, na cidade do Rio de Janeiro, formou-se na primeira turma, do primeiro Curso de Graduação em Psicologia no Brasil, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1956. Trabalhou em instituições como a PUC-Rio, o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), a Universidade Gama Filho (UGF) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1993, tornou-se professor no Departamento de Psicologia, da Universidade do Estado da Califórnia (UCLA), em Fresno – EUA, onde permaneceu até se aposentar, em 2013. Cabe ressaltar, que o professor Aroldo Rodrigues, ao longo do período que permaneceu no Brasil, foi um dos principais divulgadores da Psicologia Social de base cognitivista e experimental. Ele foi presidente da Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO), em 1973, e presidiu, em 1976, a Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP). A entrevista foi realizada no segundo semestre do ano de 2021. As perguntas foram disponibilizadas ao entrevistado com antecedência, que analisou as mesmas e, em seguida, aceitou o convite para respondê-las.

## Palavras-chave

Aroldo Rodrigues, entrevista, psicologia social, Brasil; América Latina

## ABSTRACT

Aroldo Rodrigues offered relevant contributions in Social Psychology, especially in his country of origin – Brazil, promoting important reflections for Latin American Social Psychology. Born in 1933, in the city of Rio de Janeiro, he graduated in the first class of the first graduate Course in Psychology in Brazil, at the Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), in 1956. He worked in institutions such as PUC-Rio, the Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), Universidade Gama Filho (UGF) and the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). In 1993, he became a professor at the Department of Psychology at the California State University (UCLA) in Fresno – USA, where he remained until his retirement in 2013. It is worth mentioning that, during the period he remained in Brazil, he was one of the main promoters of Social Psychology with a cognitive and experimental perspective. He was president of the Latin American Association for Social Psychology (ALAPSO) in 1973, and in 1976 he was president of the Interamerican Society of Psychology (SIP). The interview was conducted in the second semester of 2021. The questions were provided to the interviewee in advance, who reviewed them and then accepted the invitation to respond.

## Keywords

Aroldo Rodrigues, interview, social psychology, Brazil, Latin American

---

<sup>1</sup> Correspondence about this article should be addressed Renato Sampaio Lima: [renatosampaio@id.uff.br](mailto:renatosampaio@id.uff.br)

<sup>2</sup> **Conflicts of Interest:** The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

Interview: Aroldo Rodrigues

**Tema: início da carreira em Psicologia Social**

Entrevistador: Como era a Psicologia Social no Brasil na época em que o senhor se formou em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1956?

Aroldo Rodrigues: Muito incipiente. Não só a Psicologia Social, mas a Psicologia de um modo geral. Meu diploma nem era reconhecido pelo MEC, pois a profissão só foi regulamentada em 1962. Por iniciativa pioneira de Hanns Ludwig Lippmann, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) logrou formar a primeira turma de psicólogos no Brasil em 1956. Eu e mais seis colegas fizemos parte da mesma. A iniciativa do Professor Lippmann levou outras universidades a apressarem-se em criar seus cursos de formação de psicólogos. Ao curso pioneiro da PUC-Rio seguiram-se o da Universidade de São Paulo (USP) em 1958 e, no Rio de Janeiro, os da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1964, o da Universidade Gama Filho (UGF) em 1966, o da Universidade Santa Úrsula (USU) em 1968, o da Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1970 e o da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) em 1976. Várias universidades em diversos estados do país também logo introduziram o curso de formação de psicólogos em seus programas acadêmicos. Quando iniciei meu curso em 1953, a Psicologia era ensinada apenas em Cursos de Graduação em Educação, Filosofia e Medicina e em alguns cursos de especialização a nível pós-graduado. Felizmente, o cenário mudou após a promulgação da Lei 4.119 de 27/08/1962 e a Psicologia no Brasil passou a crescer em ritmo acelerado.

Voltando à Psicologia Social em particular, que eu saiba, havia na época apenas três livros sobre o assunto no Brasil: o clássico *Introdução à Psicologia Social* de Arthur Ramos, publicado em 1935 e as traduções dos manuais sobre Psicologia Social de Otto Klineberg (1944) e Solomon Asch (1952). O Professor Klineberg, da Columbia University em Nova York, visitou a USP em 1953 e ajudou a despertar o interesse pela Psicologia Social em São Paulo. Se minha memória não me falha, os primeiros psicólogos no Brasil que fizeram da Psicologia Social sua área principal de interesse foram os professores Anita Marcondes Cabral, Dante Moreira Leite, Jorge de Abreu Paiva e Antônio Ribeiro de Almeida em São Paulo, Eliezer Schneider e Carlos Sanchez de Queiroz no Rio de Janeiro, Juracy Marques no Rio Grande do Sul e Celio Garcia em

Minas Gerais. Até a publicação de meu livro *Psicologia Social*, em 1972, o único livro de autor brasileiro especificamente focado em Psicologia Social era o do Professor Arthur Ramos.

Entrevistador: Por que a Psicologia Social foi sua escolha teórica no início de sua carreira?

AR: Inicialmente optei por uma área aplicada da Psicologia: a Psicologia Clínica. Frequentemente, eu ia ao Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, sob a orientação do Professor Doutor José Alves Garcia, aplicar testes de diagnóstico psicológico a pacientes seus. Por um curto período, eu desempenhei as funções de orientador vocacional no Instituto de Psicologia Aplicada da PUC-Rio até 1959. Em meados desse ano, eu fui para os Estados Unidos e obtive, em 1961, o Mestrado em Psicologia pela *University of Kansas* (UK). Durante meu mestrado, ainda escolhi várias matérias de conteúdo clínico, mas minha Tese de Mestrado foi sob a orientação do Doutor Herbert Wright, psicólogo social e ex-aluno do famoso Kurt Lewin, a quem a Psicologia Social tanto deve. Embora minha opção definitiva pela Psicologia Social só tenha se concretizado em 1962, quando fui para a *University of California, Los Angeles* (UCLA), o marco inicial de minha transição para esta área da Psicologia foi, sem dúvida, quando me dediquei à preparação de minha tese na UK.

Entrevistador: Logo após a conclusão da sua graduação na PUC-Rio, o senhor foi para os EUA fazer o mestrado. Poderia nos contar uma experiência acadêmica nos EUA que tenha marcado a sua formação?

AR: Singularizar uma é difícil, pois várias foram marcantes para mim. Reportarei as duas principais:

(1) Talvez a de maior importância foi ter sido aluno de Fritz Heider. Seu impacto sobre minha carreira é difícil de ser superestimado. Possuidor de um saber enciclopédico que abrangia várias áreas do conhecimento humano, sua modéstia, sua inteligência e seu calor humano eram impressionantes. Sua teoria do equilíbrio foi a fundamentação teórica de minha Tese de Doutorado, bem como inspirou, nos 20 anos que se seguiram à obtenção de meu Ph.D., boa parte de minhas pesquisas. Algumas coincidências parecem indicar que eu estava predestinado a ter Heider como a pessoa que mais influenciou minha carreira acadêmica. Vejamo-las a seguir.

(a) Em 1959, duas semanas antes de seguir viagem para Lawrence, Kansas, a fim de matricular-me na UK, estava eu olhando despreocupadamente os livros constantes da seção de Psicologia em uma livraria em Washington, D.C. Foi quando me deparei com

um livro de um autor que até então não conhecia, mas cujo nome me fez lembrar de tê-lo visto quando li o elenco de professores do Departamento de Psicologia da UK. O livro se chamava *The Psychology of Interpersonal Relations*. Como disse anteriormente, quando fui para o Kansas, minha ideia era aperfeiçoar meu conhecimento em Psicologia Clínica. O livro era em Psicologia Social, mas comprei-o assim mesmo pois, quem sabe, viria a ter Heider como meu professor.

(b) Ao chegar à UK, fui informado de que haveria um jantar em homenagem aos alunos de pós-graduação que tinham sido admitidos ao Departamento de Psicologia naquele ano. O jantar era de lugares marcados. Sentei-me com minha esposa nos lugares que nos foram designados. Pouco depois se sentou a meu lado um senhor alto, magro, com cabelos brancos, acompanhado de sua esposa. Assim que se sentou, virou-se para mim e disse: *My name is Fritz Heider, and yours?*.

(c) Matriculei-me em disciplinas eletivas relacionadas à clínica, mas uma disciplina era obrigatória a todos os alunos do Mestrado. Essa disciplina era *Advanced General Psychology* e era ministrada em dois semestres. Seu professor? Fritz Heider... E, a partir daí, Heider foi uma presença constante e uma fonte de inspiração durante toda a minha carreira profissional e mesmo depois que me aposentei.

Uma coisa eu lamento profundamente: como estava mais interessado em Psicologia Clínica do que em Psicologia Social naquela época, não me inscrevi na disciplina eletiva *The Psychology of Interpersonal Relations*, ministrada por Heider no meu segundo semestre letivo e que versava sobre o conteúdo de seu livro recém-publicado. Como obtive meu Mestrado em três semestres letivos e a disciplina só era oferecida uma vez por ano, deixei a Universidade antes de poder me inscrever no que seria meu 4º semestre. Perdi uma oportunidade incrível! Esse livro foi por mim estudado a fundo depois que passei a me interessar por Psicologia Social quando fui para a UCLA em busca do grau de Ph.D. Nesse livro, que se tornou um clássico em Psicologia Social (com mais de 28.000 citações em pesquisa recente no Google!), Heider apresentou os fundamentos de duas de suas teorias: a teoria do equilíbrio e a teoria da atribuição. A primeira inspirou minhas pesquisas por mais de duas décadas; a segunda forneceu o embasamento teórico de minha atividade de pesquisa desde meados dos anos 1980 até minha aposentadoria em 2013. Tenho o livro até hoje e com o autógrafo de Heider.

(2) Outra influência definitiva em minha carreira foram os quase quatro anos em que estudei na UCLA. Trata-se de uma universidade simplesmente fantástica, com vários vencedores de Prêmio Nobel e muitas outras distinções em seu elenco de docentes, com

laboratórios dotados do que havia de mais moderno, com frequentes visitas de personalidades de destaque no mundo científico, quer para proferir conferências, quer para ministrar cursos, enfim, com tudo que a tornou uma das melhores universidades dos EUA e do mundo. Nela, eu aprendi cerca de 90% do que sei de Psicologia. Minha gratidão ao que me foi dado pela UCLA é inestimável e indescritível. Obtive o meu Ph.D. em 1966 e, a partir daí, foram raros os anos em que não a visitei e nunca perdi contato com vários de seus professores. Desde 1966 até os dias de hoje, todo automóvel que possuí teve um decalque da UCLA no vidro traseiro. O que possuo hoje vai mais além: tem dois decalques no vidro traseiro e uma moldura na placa dianteira com as letras UCLA.

Embora extrapole o que foi perguntado, peço permissão para mencionar, brevemente, três acontecimentos que me marcaram profundamente durante minha atividade como professor da *California State University, Fresno* (CSUF): (a) o fato de ter sido eleito, por unanimidade dos meus pares, Diretor do Departamento de Psicologia em 1996 e reeleito, também por aclamação, em 2000; b) ter recebido da Universidade o título de Professor *Honoris Causa* quando me aposentei; e (c) ter sido informado pela Direção do Departamento de Psicologia, ao me aposentar em 2013, que os professores haviam aprovado a criação do Prêmio Aroldo Rodrigues, que consiste numa ajuda financeira concedida anualmente à melhor monografia em Psicologia escrita por estudante latino-americano.

### **Tema: experiência acadêmica em Psicologia Social**

Entrevistador: O senhor assumiu a sua primeira turma como professor na PUC-Rio no ano de 1957 e, após experiências em algumas instituições, inclusive como professor na UFRJ, o senhor foi lecionar nos EUA, no ano de 1993, na *California State University, Fresno* (CSUF). O que pode nos contar sobre a sua experiência de sala de aula nos contextos brasileiro e norte-americano?

AR: Antes de responder diretamente à pergunta, permitam-me dizer que, das duas atividades principais de um professor universitário - a de ensino e a de pesquisa - sempre preferi a segunda. Não que me desgostasse ensinar, mas porque me entusiasmava muito mais o tentar descobrir um conhecimento novo, aperfeiçoar uma teoria ou verificar a transculturalidade e a trans-historicidade de fenômenos psicossociais oriundos de outras culturas; e isso é possibilitado pela atividade de pesquisa. Talvez por isso, e por outros defeitos, eu não fui um grande professor. Procurava ser didático e preparava com cuidado

minhas aulas, mas não tinha a eloquência e o carisma de um grande professor. Tenho consciência de ter sido melhor pesquisador que professor. Quem consultar meu *curriculum vitae* verá que minha atividade de pesquisa foi bastante extensa e foi traduzida em publicações e apresentações em eventos científicos ao longo de toda a minha carreira de professor. Nem todas essas publicações foram importantes, mas várias delas receberam um grande número de citações no Brasil e no exterior, principalmente as relativas aos dois tópicos em que fui influenciado diretamente por Fritz Heider e já mencionados anteriormente. Após essa pequena digressão, passo a responder diretamente sua pergunta.

Há muitas diferenças entre a experiência docente que tive no Brasil e nos EUA. Refiro-me à minha experiência docente no Brasil entre 1957 e 1993 e, nos EUA, entre 1993 a 2013. É importante ressaltar que não sei se minhas experiências no Brasil seriam as mesmas caso estivesse nele lecionando após 1993.

(1) Uma das diferenças mais marcantes (o que não foi surpresa para mim, pois já conhecia isso desde o tempo em que era estudante) é a que se refere à pontualidade de professores e alunos. Enquanto que nos 20 anos que estive na CSUF, *sempre* as aulas na Universidade começavam e terminavam rigorosamente no horário para elas previsto, no Brasil *raramente* vi isso ocorrer, principalmente nos Cursos de Graduação. Enquanto lecionei no exterior, não só os professores observavam rigorosamente o horário de início e de término das aulas, mas também só muito raramente uns poucos alunos chegavam após o início de uma aula ou saíam antes de seu término. Isso não ocorria na grande maioria das aulas que lecionei no Brasil.

(2) Nos EUA existem vários livros-texto excelentes à escolha do professor para utilizar em suas aulas. Na época em que lecionei no Brasil não era assim. A carência de tais livros me motivou a escrever um livro-texto em Psicologia Social e outro em técnicas de pesquisa para indicar aos meus alunos nas duas disciplinas que lecionava anualmente.

(3) Nos meus 20 anos de CSUF, nunca tive qualquer dificuldade em obter equipamento audiovisual para utilizar em sala de aula. Nos últimos oito anos de minha estada, todas as salas de aula eram *smart classrooms*, ou seja, eram equipadas com um projetor ao qual poderiam ser conectados computadores, retroprojetores etc. Penso que isso já ocorre no Brasil atualmente; no tempo que lecionei, entretanto, tal facilidade não existia.

(4) A distribuição da carga horária de um professor de tempo integral nos EUA permite que ele se dedique ao ensino, à pesquisa, a tarefas administrativas e até mesmo a ações de interesse comunitário. Se um docente exerce uma função administrativa que

exige mais de seu tempo (como a Direção do Departamento, por exemplo), ele é liberado de parte de sua carga docente. Se um docente pretende se dedicar mais à pesquisa, na maioria das universidades o Decanato oferece a possibilidade de o professor solicitar pequenas bolsas que o permitirão diminuir sua carga docente, compensando financeiramente o Departamento que poderá então contratar um professor horista para lecionar o curso ou cursos de que o professor foi liberado através da obtenção da bolsa do Decanato. E há também, evidentemente, a possibilidade de solicitar recursos externos às várias agências locais, estaduais e federais de fomento ao ensino e à pesquisa. No Brasil, eu e muitos outros pesquisadores tivemos o privilégio de obter Bolsa de Auxílio à Pesquisa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e por agências estaduais que também oferecem aos alunos bolsas de estudo e de pesquisa que permitem seu engajamento em pesquisas conduzidas por seus professores. Em relação, porém, a auxílio oriundo da própria universidade em que o professor trabalha, no meu tempo isso não era uma opção.

(5) O fato de a grande maioria dos professores serem de tempo integral é outra diferença que encontrei quando fui para os EUA. Não há dúvida de que, a partir da proliferação de cursos de pós-graduação nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil, as universidades brasileiras aumentaram significativamente a quantidade de docentes de tempo integral em seus quadros. Acontece que a figura do professor de dedicação exclusiva, que chega à universidade de manhã cedo e sai no final da tarde ou início de noite, não era comum nos tempos que lecionei no Brasil (acredito que agora possa ser diferente). O fato de os professores passarem os dias inteiros na universidade apresenta as seguintes vantagens, entre outras: a interação entre os membros do corpo docente é maior e fortalece seu *esprit de corps*; é fácil recorrer a um colega quando precisamos; eventos sociais em que a participação de todos os docentes é desejada são mais fáceis de serem programados; enfim, todo o trabalho acadêmico fica mais fácil e mais produtivo.

(6) Na pós-graduação, o auxílio prestado pelo aluno ao professor através de *assistantships* (*teaching and research assistantships*) é incalculável. Nas grandes universidades, onde os estudantes de pós-graduação são altamente qualificados, o auxílio do estudante ao professor é fundamental. Para ilustrar, relato o seguinte fato: quando iniciei minhas atividades docentes na CSUF, passei a utilizar a teoria atribucional de Bernard Weiner (derivada diretamente da teoria atribucional de Heider) como inspiradora de minhas pesquisas. A um certo momento, senti a necessidade de lançar mão

de uma técnica estatística (*path analysis*) com a qual eu não era muito familiarizado. Estando de visita a UCLA, mencionei esse problema ao próprio Bernard Weiner, professor da UCLA e meu grande amigo, o qual usava com frequência essa técnica de análise de dados em suas pesquisas. Fiquei surpreso quando ele me disse que deixava a cargo de um de seus *research assistants* o trabalho de utilizar esse recurso estatístico, pois esse aluno conhecia melhor como utilizá-lo no computador do que ele próprio. Através de uma *research assistantship*, o estudante pós-graduado dedica também tempo integral a seus estudos e ao trabalho de auxiliar os professores em suas pesquisas. Acredito que já haja algo semelhante atualmente à disposição dos pesquisadores no Brasil, mas como salientei anteriormente, respondo as perguntas desta entrevista tendo em vista os anos em que lecionei no Brasil (1957/1993) e nos EUA (1993/2013).

(7) Quanto aos estudantes, a maioria dos alunos nos EUA são de tempo integral, principalmente na pós-graduação. Entretanto, no que diz respeito ao rendimento dos mesmos, não notei diferenças significativas. Minhas turmas de graduação, tanto no Brasil como nos EUA, apresentavam uma distribuição de frequência na avaliação de seu rendimento que muito se aproximava de uma Curva Normal: alguns alunos excelentes, alguns muito ruins e a maioria entre esses dois extremos. Em relação à pontualidade e assiduidade às aulas, o estudante americano é mais pontual e mais assíduo que o brasileiro.

Entrevistador: Quais são as suas impressões sobre a Psicologia Social Latino Americana? O senhor poderia dividir conosco algumas de suas memórias sobre a Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP)? Destacaria um ou mais nomes de psicólogos sociais latino americanos?

AR: Enquanto estive na ativa, conheci bastante bem a Psicologia Social Latino-Americana. Isso foi facilitado pelo fato de eu ter sido membro da Sociedade Interamericana de Psicologia (tendo nela ocupado os cargos de Secretário-Executivo para a América do Sul, Vice-Presidente e Presidente), e Presidente, por dois termos consecutivos, da Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO).

Além do Brasil, destaco quatro outros países latino americanos onde a Psicologia Social atingiu um desenvolvimento bastante robusto. São eles: México, Venezuela, Colômbia e Chile. Não que ela seja inexistente nos demais países, mas seu desenvolvimento foi mais acentuado nestes países do que outros setores que foram mais privilegiados em outros países da América Latina.

Entre 1969 e 1995, eu compareci a todos os Congressos realizados bianualmente pela SIP. Até o final da década de 1970, a SIP era muito influenciada pelos países do América do Norte. Apesar de o inglês, o espanhol, o português e o francês serem as línguas oficiais dos Congressos, notava-se uma preponderância de apresentações em inglês, mesmo por parte daqueles participantes cuja língua materna não era o inglês. A partir daí, verificou-se um progressivo aumento da influência latino-americana. O espanhol passou a ser a língua dominante nos Congressos e a participação de latino-americanos tornou-se a mais representativa neles.

Além de promover os Congressos bianuais, a SIP edita uma revista, a Revista Interamericana de Psicología, que constitui um excelente veículo de divulgação de artigos escritos por profissionais das três Américas. O papel desta Sociedade no desenvolvimento da Psicologia em todos os seus setores, bem como na promoção da interação e da colaboração conjunta em pesquisas entre os canadenses, americanos e latino americanos, foi muito importante.

Depois do Congresso realizado em Puerto Rico em 1995, afastei-me da SIP por não concordar com os rumos que ela tomou e deixei de acompanhar suas atividades.

Conheci excelentes psicólogos sociais latino americanos durante o período em que participei ativamente das atividades da SIP e da ALAPSO. Sem falar nos brasileiros que, tenho certeza, são conhecidos pelos leitores interessados em Psicologia Social, destaco os nomes que seguem. Ao fazê-lo, minha preocupação foi a de apresentar exemplos daqueles com quem mais interagi e cuja produção acadêmica me é familiar, e não a de fornecer uma lista completa de destacados psicólogos sociais latino americanos. Dentre amigos e companheiros de luta por uma psicologia social científica, menciono os seguintes: Rogélio Díaz-Guerrero, Héctor Capello, Luiz Lara-Tápia, Susan Pick de Weiss, Rolando Díaz-Loving e Isabel Reyes Lagunes (México); José Miguel Salazar, Euclides Sánchez e Maritza Montero (Venezuela); Rubén Ardila e Gerardo Marín (Colômbia); Jacobo Varela (Uruguai); Luiz Ramallo, Júlio Villegas e Héctor Bittencourt (Chile); e Catalina Weinerman e Jorge García-Bouza (Argentina).

Entrevistador: O que o senhor destacaria na sua passagem pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) no Brasil?

AR: Minha principal atividade no ISOP foi lecionar uma disciplina sobre técnicas de pesquisa e, principalmente, orientar mestrandos e doutorandos. Tive o prazer de orientar vários excelentes alunos no curso de pós-graduação do ISOP. Além disso, destaco ainda a atividade de pesquisa desenvolvida no Cento Brasileiro de Pesquisas

Psicológicas (CBPP) sob minha Coordenação. Era integrado por mim e por dois destacados ex-alunos e psicólogos sociais - os professores Bernardo Jablonski e Eveline Maria Leal Assmar - e ainda por alguns alunos e psicólogos do ISOP que tomavam parte nas reuniões semanais do grupo. Nele foram conduzidos estudos e pesquisas sobre preconceito racial no Brasil, justiça distributiva e atribuição de causalidade.

### **Tema: experiência em pesquisa na Psicologia Social**

Entrevistador: O senhor se aposentou em 2013 na CSUF. O que poderia nos falar sobre o financiamento das pesquisas em Psicologia nos EUA e, mais especificamente, em Psicologia Social?

AR: Creio que essa pergunta foi por mim parcialmente respondida no item 4 de minhas considerações quando comparei minha experiência docente no Brasil e nos EUA. Como a segunda parte da pergunta especifica o auxílio à pesquisa em Psicologia Social, acrescento que, no âmbito de auxílio à pesquisa concedido pela Universidade, não importa o conteúdo, mas apenas a qualidade do projeto de pesquisa. Agências federais, por exemplo, a *National Science Foundation* (NSF), os *National Institutes of Mental Health* (NIMH) e algumas agências privadas, dão preferência a certos conteúdos temáticos das pesquisas, privilegiando a área de ciências da natureza. Professores de psicologia especializados em áreas de base biológica, físico-química e matemática encontram mais facilidade em obter fundos junto a essas agências do que psicólogos sociais. Mas existem também algumas agências que privilegiam a área de ciências sociais, sendo exemplos o *Social Sciences Research Council* (SSRC) e a Fundação Ford. Portanto, embora os profissionais das ciências da natureza tenham um leque maior de opções para solicitar auxílio a suas pesquisas, os cientistas sociais estão bem servidos também.

Entrevistador: Desde 2013 há uma diminuição no financiamento de pesquisas no Brasil e, sobretudo, nos últimos quatro anos. O que o senhor pensa sobre o financiamento das pesquisas? O financiamento público é essencial?

AR: Acho que o financiamento de pesquisas por parte dos órgãos públicos é absolutamente indispensável ao progresso da ciência no Brasil. Como estou aposentado desde 2013, não posso dar testemunho da situação nos últimos quatro anos. Entretanto, pelo que ouço aqui e ali, a situação, infelizmente, não é nada boa.

### **Tema: atualidade na Psicologia Social**

Entrevistador: Por que o seu interesse na polarização no mundo atual, tema da sua obra mais recente de 2021, intitulada *Da inutilidade das discussões: uma análise psicológica da polarização no mundo atual*?

AR: Agradeço vocês terem me perguntado isso, pois nos últimos anos a polarização do mundo atual tem, de fato, me preocupado muito. Não tenho a ingenuidade de acreditar que polarização de posições é um fenômeno nunca visto anteriormente. O que é característico do mundo atual, todavia, é a virulência, a magnitude e a abrangência da polarização que decorre das discussões que as redes sociais propiciam. Fiquei alarmado ao contemplar a realidade que se apresentava a meus olhos: famílias sendo divididas, amizades sendo rompidas, falta de honestidade intelectual na avaliação de posições divergentes, desprezo total pela realidade de fatos verificáveis, o extremismo preponderando sobre a moderação, a proliferação de *fake news* e de teorias de fundo conspiratório e o assalto à verdade que decorre, em parte, da posição filosófica pós-modernista. Em relação à postura pós-modernista, uma afirmação do filósofo Daniel Dennett, citada na introdução do meu livro, me impactou significativamente. Disse ele: “Para mim, o que os pós-modernistas fizeram foi, de fato, maléfico. Eles são responsáveis pela moda intelectual que tornou respeitável ser cínico acerca da verdade e dos fatos” (Cadwalldr, 2017, s/p). Se não há verdade, se não há fatos objetivos e inquestionáveis, como pode haver consenso? De que servem as discussões se o objetivo de cada pessoa é apenas fazer prevalecer seus pontos de vista e não buscar honestamente a verdade?

Diante desta realidade, achei que a Psicologia poderia fornecer subsídios para o entendimento deste estado de coisas; e mais: revelando razões psicológicas que nos permitem entender a polarização no mundo atual e apelando para o esforço a sermos intelectualmente honestos, o livro poderia contribuir para a diminuição da situação deplorável que vivemos hoje. Daí a motivação a escrevê-lo.

Entrevistador: Qual é o mote da explicação sobre a polarização no mundo atual nessa obra?

AR: A Psicologia *tout court* e, especialmente, a Psicologia Social, nos mostram de forma bastante convincente que tendemos a ver as coisas não como elas são, mas como nós somos. Ademais, como bem salienta Harry Triandis em seu livro *Fooling Ourselves*, as pessoas querem “ver o mundo da maneira que desejam que ele seja, em vez de como ele realmente é” (Triandis, 2009, p. ix).

O capítulo dois do meu livro descreve dez fatores psicológicos que nos levam a ver as coisas que queremos ver e acreditar naquelas que queremos acreditar. São fontes de tendenciosidades psicológicas que naturalmente nos impelem a agir assim, mas que não determinam que tenhamos sempre que agir assim. Resulta daí que a polarização decorrente da existência de tais motivações (cada pessoa querendo que as coisas sejam como cada uma as vê e acreditando no que cada uma quer acreditar) pode ser evitada, quando tais motivações são conhecidas e um esforço é feito para controlar seus efeitos. O objetivo do livro é tornar conhecidas tais motivações a fim de que as pessoas possam esforçar-se por controlar o viés que elas suscitam. Acontece que para exercer controle sobre estas tendenciosidades, precisamos ser intelectualmente honestos e reconhecer o papel desempenhado por essas tendenciosidades na motivação a mantermos nossas posições e a rejeitar as que lhes são opostas. Conhecendo o papel dessas tendências e procurando controlá-las sendo intelectualmente honestos, poderemos então reduzir significativamente a polarização que predomina no mundo atual. O livro também diz respeito à tendência, muito prevalente em nossos dias, a desrespeitar os fatos, veicular *fake news*, atacar a verdade e adotar posições extremadas que levam à polarização das ideias. Em suma: o livro se propõe a explicar psicologicamente por que o mundo atual é tão polarizado e o que pode ser feito para que não seja assim.

Entrevistador: O professor pretende publicar esta obra em língua inglesa, tendo em vista, que parte da análise realizada se deu a partir do contexto norte-americano?

AR: Não. Cheguei a traduzir os dois primeiros capítulos, mas depois optei por não tentar publicá-lo nos EUA. Usei muitos exemplos da realidade americana na época em que escrevi, porque as distorções da verdade ocorridas no governo de Donald Trump (só ele mentiu e disse meias-verdades mais de 20.000 vezes em quatro anos, conforme documentado meticulosamente, uma a uma, pelo jornal *The Washington Post*) foram tão numerosas e tão flagrantes que me forneceram o material que procurava para ilustrar certos pontos do livro. Desisti da tradução, porque o desprezo pela verdade no Governo Trump causou tanta revolta naquele país, que uma quantidade inusitada de livros e artigos de jornal foram publicados em reação à desonestidade desenfreada que tal Governo nele implantou. O meu livro teria como novidade apresentar razões de natureza psicológica que podem explicar o fenômeno, mas julguei que só isso não seria suficiente para despertar o interesse das editoras americanas, pois o mercado já está saturado de publicações que ratificam o que eu disse em outras partes de meu livro.

Entrevistador: Em 2022, o seu livro *Psicologia Social* completou 50 anos, com várias edições ao longo destas décadas. Qual seria a contribuição desta obra para a formação dos psicólogos no Brasil?

AR: O número de impressões do livro em suas várias edições fala por si mesmo no que tange à importância que teve na formação de psicólogos sociais no Brasil e em alguns países da América Latina, principalmente no México. A Edição Comemorativa dos 50 anos do *Psicologia Social*, a ser publicada em 2022, será a 5<sup>a</sup> edição e a 38<sup>a</sup> impressão do livro no Brasil. No México, o livro foi publicado, primeiramente, em 1976 e teve 17 reimpressões (nestas sendo incluídas as reimpressões das duas primeiras edições brasileiras publicadas, respectivamente, em 1972 e 1985).

No Brasil, o livro continua a ser utilizado em vários cursos de Psicologia do país, o que é evidenciado por suas numerosas reimpressões e quantidade de exemplares vendidos. Com base no número de livros vendidos, é razoável estimar-se, conservadoramente, que o *Psicologia Social* foi lido ou consultado por bem mais de 300.000 estudantes ou interessados em Psicologia Social em suas versões em português e em espanhol. Esse fato dá testemunho da contribuição do livro. Confesso que me surpreendeu essa grande aceitação do livro pelos seguintes motivos:

(a) apesar de não ter concorrentes nos primeiros anos que se seguiram a sua primeira edição, seu conteúdo expressava uma visão de Psicologia Social que era questionada no Brasil. A Psicologia Social ensinada no livro é uma Psicologia Social que estuda cientificamente as relações interpessoais e a influência que as pessoas exercem mutuamente em seu relacionamento social. A Psicologia Social preferida por psicólogos sociais no Brasil nos anos 1970 e 1980 era uma Psicologia Social contextualizada, na qual o psicólogo social desempenha, simultaneamente, o papel de estudioso dos problemas sociais e de ativista. Enquanto a Psicologia Social privilegia um enfoque experimental e objetivo, o *zeitgeist* da Psicologia Social brasileira naquele período era não experimental, subjetivo, valorativo, contextual e político. Daí a minha surpresa pela ampla adoção do meu livro em cursos de Psicologia no Brasil e em alguns países da América Latina onde, embora em menor escala, o enfoque contextualista e não experimental da Psicologia Social capturava a preferência de parte dos psicólogos sociais; e

(b) a falta de concorrência de manuais de Psicologia Social não durou muito. Poucos anos após sua publicação em 1972, outros psicólogos sociais brasileiros começaram a publicar livros em Psicologia Social. Silvia Lane, uma psicóloga social de

orientação bem diferente da minha, publicou o livro *O que é Psicologia Social* em 1981 e a ele se seguiram outros de autores que compartilhavam de sua visão da Psicologia Social. Publicações posteriores, tanto através de livros, como por meio de artigos publicados em revistas especializadas, passaram a refletir esses dois enfoques de Psicologia Social. Mas o *Psicologia Social* não enfrentou apenas a concorrência de livros de autores brasileiros. Excelentes manuais de Psicologia Social estrangeiros, que compartilham claramente do conceito de Psicologia Social expresso em meu livro, foram traduzidos para o português. *Best-sellers* nos Estados Unidos, tais como os livros-textos de Psicologia Social de Krech e Crutchfield, Elliot Aronson, David Myers e Aronson, Wilson e Akert, entraram no mercado brasileiro. Mesmo assim, o *Psicologia Social* continuou a ser adotado por muitos professores brasileiros em seus cursos e novas edições e impressões permaneceram por meio século, sem interrupção. Do exposto se infere que a Psicologia Social constitui, sem dúvida, uma significativa contribuição à Psicologia Social no Brasil, servindo de instrumento para a formação de milhares de novos psicólogos sociais há cinco décadas.

Eu inicialmente e, a partir da 3ª edição, meus co-autores Eveline Maria Leal Assmar e Bernardo Jablonski também, sempre estivemos cientes da existência de um grupo de oposição ao enfoque do livro no Brasil. Isso não nos afetou, pois estávamos convictos de que o livro espelhava a Psicologia Social científica ensinada nas melhores e mais influentes universidades mundiais. Após 50 anos, é gratificante verificar que o fato de milhares de cópias terem sido utilizadas pelos alunos de Psicologia Social no Brasil e no exterior garante que os mesmos se familiarizaram com a visão de Psicologia Social que procuramos transmitir na obra. Igualmente gratificante é verificar que, muitos psicólogos sociais que se iniciaram em Psicologia Social através do *Psicologia Social*, realizam hoje pesquisas e ministram cursos que refletem claramente a concepção de Psicologia Social expressa no livro, ratificando sua importância na formação de futuros psicólogos sociais. E isso justifica sua existência.

Entrevistador: Com seus 88 anos de idade, qual o balanço que o senhor faz sobre as contribuições da Psicologia para pensar a sociedade atualmente?

AR: *As contribuições da Psicologia para pensar a sociedade atualmente* talvez seja um tópico muito ambicioso e, para mim, de difícil resposta. Dentre os grandes nomes da Psicologia, apenas Freud nos legou uma verdadeira *Weltenshauung*, ou seja, uma visão de mundo que abrange várias áreas do saber e tem algo a contribuir a cada uma delas, de

acordo com esta visão de mundo. Não conheço outro em Psicologia e acho que a Filosofia é bem mais capaz de nos esclarecer nesse assunto.

Entretanto, tenho algo a dizer que tem um pouco a ver com o objetivo da pergunta. Eu acho que os conhecimentos psicológicos são pouco conhecidos pela sociedade. A maioria dos psicólogos se preocupa mais em publicar seus achados em revistas científicas do que em divulgá-los ao grande público. Reconheço que muitas pesquisas teóricas não interessam ao público em geral e devem mesmo ficar restritas ao ambiente acadêmico. Entretanto, a Psicologia acumulou, ao longo dos anos, descobertas importantes de cunho eminentemente aplicado, embora oriundos de pesquisas destinadas a testar hipóteses derivadas de teorias.

Há pouco mais de meio século, George Miller, em seu Discurso Presidencial proferido na Reunião Anual da *American Psychological Association* e publicado na revista *American Psychologist*, n. 24, páginas 1063-1075 de 1969, sob o título *Psychology as a means of promoting human welfare*, recomendou aos psicólogos que se esforçassem por difundir conhecimentos psicológicos entre os leigos. Não precisamos ser médicos para saber que aspirina ajuda a diminuir nossas dores de cabeça, que antiácidos muitas vezes aliviam desconforto estomacal ou que mercúrio-cromo (medicamento) e um *band-aid* (curativo) são aconselháveis quando temos um pequeno arranhão. Nem tampouco precisamos ser formados em Direito para saber que não devemos assinar documentos importantes sem consulta a um advogado, que pessoas que roubam ou matam estão sujeitas a processo com base no Código Penal Brasileiro, que quando contribuímos para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) temos direito à aposentadoria etc.

Quando decidi escrever o livro *Da inutilidade das discussões: Uma análise psicológica da polarização no mundo atual*, procurei seguir o conselho de Miller e transmitir conhecimentos psicológicos de forma inteligível ao leigo, permitindo que qualquer pessoa, ciente do conhecimento psicológico ali transmitido, possa controlar melhor suas tendenciosidades psicológicas e esforçar-se por ser intelectualmente honesta quando envolvida em discussões acaloradas. Não é necessário ter Ph.D. em Psicologia para saber que procuramos proteger nossa autoestima, que entreter pensamentos que não se harmonizam é gerador de tensão, que tendemos a concordar com nossos amigos e a discordar de nossos inimigos, que é difícil reconhecermos que erramos, que nossos estereótipos e preconceitos influenciam nossa maneira de ver a realidade etc. Esses e muitos outros achados da Psicologia devem tornar-se acessíveis ao grande público.

Termino essa entrevista agradecendo aos entrevistadores - os Professores Doutores Renato Sampaio Lima e Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha - pela distinção que me conferiram através dessa entrevista e, ainda, exortando os psicólogos a esforçarem-se em descobrir a melhor forma de divulgar conhecimentos que sejam úteis à sociedade e acessíveis ao leigo. Como bem disse George Miller, “nada pode ser mais relevante ao bem-estar humano, e nada pode ser mais desafiador a futuras gerações de psicólogos, do que descobrir a melhor maneira de disseminar os conhecimentos da Psicologia” (Miller, 1969, p. 1074).

## Referências

- Cadwalladr C. (12 de fevereiro de 2017) *Daniel Dennett: 'I begrudge every hour I have to spend worrying about politics'*. The Guardian. Recuperado em <http://www.theguardian.com/science/2017/feb/12/daniel-dennett-politics-bacteria-bach-back-dawkins-trump-interview>
- Miller, G. A. (1969). Psychology as a means of promoting human welfare. *American Psychologist*, 24(12), 1063–1075. <https://doi.org/10.1037/h0028988>
- Triandis, H. C. (2009). *Fooling ourselves: self-deception in politics, religion, and terrorism*. Praeger Publishers/Greenwood Publishing Group.

Received: 2025-06-20

Accepted: 2025-07-11